

6

A escola e o samba: considerações finais

A hipótese que orientou esta tese era de que uma escola situada num bairro com uma tradição de samba que vem desde as primeiras décadas do século XX, muito provavelmente teria presente em seu espaço escolar a *cultura do samba*, propondo-me a investigar como se dariam as aproximações, distanciamentos e entrecruzamentos entre a *cultura escolar/cultura da escola* e a *cultura do samba*, reconhecida como uma das *culturas sociais de referência* dos/as estudantes.

Com base nos dados colhidos, *esta hipótese não se confirmou* na perspectiva de sua formulação original: a relação dos/as estudantes com a *cultura do samba* mostrou-se bastante fraca. Assim, não verifiquei nas práticas sociais, salvo dois exemplos, formas de manifestação através das brincadeiras, das conversas, das atitudes, da linguagem, da maneira de andar, das músicas cantadas, de práticas que evidenciassem uma vivência dos/as alunos/as na *cultura do samba*. Esta foi a minha conclusão após cerca de oito meses de observação na Escola Azul. O mesmo não pode ser dito com relação à *cultura escolar/cultura da escola* e a *cultura do samba*, que apresentou uma tentativa de aproximação, embora com fraca interação.

Ao procurarmos analisar as relações entre escola e cultura/s, devemos levar em conta vários processos. As transformações ocorridas no mundo e no Brasil, impulsionadas pelos processos de globalização econômica e mundialização da cultura têm impacto enorme na população. Torna-se cada vez mais difícil (ou mesmo impossível) o local se fechar à influência global. Juntamente com isto, o peso da mídia no acesso a informações e consumo de bens culturais é decisiva. As *culturas juvenis* produzidas nestes contextos extrapolam territórios, atingindo grupos de áreas e locais nunca antes possível, atrelado a um tipo de consumo que define uma identidade. Crianças e adolescentes, principalmente, formam um

mercado específico. Suas ações e preferências são mediatizadas por um tipo de consumo que ao mesmo tempo se torna marca identitária. Consumir determinado produto tem o valor simbólico de integração a uma determinada cultura. É também ser moderno, aberto ao novo e viver o seu tempo.

Mas este estudo me provocou dúvidas e angústias. Dúvidas, em primeiro lugar, assumindo minha relação de paixão pelo samba, pelo fato de não ter encontrado uma forte relação do alunado com a *cultura do samba*. Em segundo lugar, pela frágil presença da *cultura do samba* no espaço escolar, sua pouca interação com a *cultura escolar/cultura da escola*.

Encontrei no campo uma situação em que algumas *culturas juvenis* estavam mais presentes e ocupavam mais espaço entre os/as adolescentes do que a *cultura do samba*. Isto era também um dado – obtido pelas observações não só na escola mas em vários espaços de samba – que apontava para a perda da força da *cultura do samba* para as novas gerações, e conseqüentemente num debilitamento desta cultura. Uma análise apressada, sem dúvida. O samba já viveu momentos em que seu fim era previsto e sempre mostrou grande vigor¹.

Uma angústia me acompanhava quando, ao presenciar os ensaios de escola de samba e rodas de samba, ou seja, locais mais tradicionais de samba, observava sempre uma participação relativamente pequena, quando não, ausente, de crianças e adolescentes². Notei, entretanto, que no final de 2004, nos ensaios da Portela, no Pagode do trem e nos blocos de embalo que desfilam na avenida Rio Branco, comparados com os anos anteriores, um

¹ Para responder a estes vaticínios, o sambista Nelson Sargento compôs em 1978 (gravado por Beth Carvalho) o antológico samba *Agoniza mas não morre*, que diz em seus versos: “*Samba/ agoniza mas não morre/ alguém sempre te socorre/ antes do suspiro derradeiro...*” Cf. *Elton Medeiros & Nelson Sargento. Série sucessos em dobro. CD nº 924048, faixa 15, Gravadora Eldorado, s.d.*

² Pude notar, por outro lado, que jovens de uma faixa etária a partir de 20 anos têm aumentado sua participação nos eventos de samba. Ver, por exemplo, a reportagem Jorge Roberto Martins, “O samba se revigora na voz dos jovens – parte I”, *Jornal do Brasil*, Caderno H, p.H10, 05/06/2005.

aumento da afluência de pessoas de uma faixa etária mais baixa, incluindo adolescentes e crianças. Contudo, nada se comparava aos bailes *funk* ou shows dos grupos de pagode dos anos 1990, onde a afluência de adolescentes das camadas populares era massiva³.

A dúvida e a angústia, portanto, me assaltavam. A própria escola, que realizava os desfiles ecológicos, deixara de realizá-los. E apesar do grande sucesso daqueles eventos – pelos depoimentos colhidos e pelos registros em vídeos – não observei movimentos para que a escola voltasse a realizá-los.

Fiquei, durante certo tempo, sentindo-me acuado, sem saída, impotente. Aos poucos, porém, fui tomando consciência de que estas constatações poderiam ter tanta importância quanto a confirmação da hipótese. E por outro lado, percebi mais concretamente a diferenciação de papéis, entre o que é função da escola e o que se espera dela, e a função ou razão de ser da *cultura do samba*. Existem potencialidades e limites para cada uma delas que as relações concretas estabelecem, mas não necessariamente uma oposição.

A escola tem como papel o desempenho de algumas funções que não são realizadas por outras instâncias. A socialização, a instrução e a educação, são correlacionadas e levadas à prática através de uma sistematização de informação selecionada e ordenada, que busca dar sentido e possibilitar conhecimentos. A seleção dos conteúdos está orientada para aqueles saberes legitimados. Conseqüentemente, a *cultura escolar/cultura da escola* resultante tende a ser monocultural e homogeneizadora. Desse modo, entre os muitos questionamentos à *cultura escolar/cultura da escola* que se vê nos dias de hoje, está o não reconhecimento da pluralidade cultural da população brasileira. Uma realidade

³ Ainda hoje o *funk* e o pagode fazem sucesso junto ao público juvenil. O peso da mídia é fundamental, no caso do pagode, mas não tanto em relação ao *funk* em seu início. O fator importante que promove o sucesso de ambos é que estão dentro de uma linguagem e estilos que se encaixam nas características das *culturas juvenis* do presente: um tipo de consumo (roupas e grifes), uma concepção de moderno (atualidade do visual e tecnologia nos shows), hibridismo, abertura para o novo e descolamento das gerações anteriores.

multicultural que se insiste que a escola reconheça e com ela dialogue.

A escola é um mundo que tem uma dinâmica própria. Apesar de existirem normas e orientações das instâncias superiores, seus atores imprimem as marcas singulares daquele espaço escolar. Trata-se não só da conjunção do que se conceitua como *cultura escolar/cultura da escola*, mas de práticas sociais marcadas por conflitos e negociações que caracterizam os processos, muitas vezes contraditórios, do cotidiano escolar. O reconhecimento da diversidade cultural é importante para possibilitar o incentivo a uma reflexão sobre sua relação com as práticas pedagógicas. Dito de outro modo, o reconhecimento do Outro é um dos fatores que possibilita desenvolver o questionamento da relação monocultural com os saberes e a *cultura escolar/cultura da escola* homogeneizadora. Aí está um aspecto da importância das *culturas sociais de referência*. Ela/s pode/m possibilitar, na medida em que o diálogo se efetive realmente, levar os atores à reflexão, ao questionamento e possivelmente às mudanças que se fizerem necessárias em suas práticas.

Mas, ainda se pode perguntar, o que se está querendo com a cobrança da escola efetivar um diálogo com uma *cultura social de referência*. Que papel está se querendo imputar à escola ao se propor este diálogo? Entendo ser importante não só reconhecer a presença da *cultura do samba* na história da cidade do Rio de Janeiro, mas também reconhecer que é composta de saberes que as camadas populares produzem e têm acesso. São saberes *diferentes* e não reconhecidos pela *cultura escolar*. Não fazem parte da seleção do currículo a ser ensinado, não porque se entende que ali, na escola, não é o seu lugar de ser ensinado, mas porque não são reconhecidos como saberes.

Forquin (1993), criticando a concepção etnocêntrica da cultura musical na Europa, discute, a partir de um autor (G. Vulliamy) porque não se ensina a música popular moderna advinda da tradição afro-americana (jazz, blues, rock and roll), pois esta

enfrenta uma seleção curricular que não a reconhece como saber musical que mereça ser ensinado. Forquin (1993, p.110) coloca a seguinte questão:

No plano pedagógico, enfim, a questão que se coloca é a de saber que uso é possível fazer da música popular moderna no ensino. Pode-se de um lado perguntar-se *se é exatamente o papel da escola contribuir para a difusão de uma cultura que, de qualquer forma, não espera por ela para assediar a vida cotidiana* de milhões de adolescentes e se a verdadeira atitude ‘anti-etnocêntrica’ não consiste, antes, em permitir que escapem, graças à escola, dos limites de sua cultura cotidiana acedendo a outras linguagens, outras imagens, outros saberes, não imediatamente assimiláveis mas humanamente essenciais (grifos meus)

Não fica distante o nosso dilema. O samba nunca esperou pela escola⁴ para assediar a vida cotidiana de milhões de cariocas (e brasileiros de uma maneira geral). Mas o que se coloca é que esta *cultura do samba* vai além da produção musical: tem as escolas de samba, as rodas de samba e toda uma maneira de viver e de se relacionar com o mundo que não atende, historicamente, apenas a determinadas faixas etárias. São parte da nossa história, ajudaram a forjar nossa identidade e nos fazer o que somos no Rio de Janeiro e também no Brasil. O fato é que existe um silêncio na *cultura escolar* sobre esta cultura.

É possível pensar criticamente nesta linha, meditando sobre as origens culturais afro-brasileiras do samba e seu enraizamento entre negros e mulatos como fala Cavalcanti (1994), e sua não inserção no currículo escolar. É o que se pode constatar na exclusão do samba e de seus personagens e fatos históricos marcantes, da História do Brasil, tais como o surgimento e o papel das Escolas de Samba e do samba em nossa História Cultural, ao contrário dos personagens e fatos ligados à “alta cultura”. Não estou, aqui, opondo uma cultura à outra, mas chamando atenção apenas da exclusão, do esquecimento, daquela cultura produzida por setores subalternos.

⁴ Como dizia Noel Rosa e Vadico em *Feitio de Oração*: “...Batuque é um privilégio/ ninguém aprende samba no colégio...” Cf. João MÁXIMO e Carlos DIDIER, *Noel Rosa: uma biografia*, 1990, p.268.

Nestes aspectos, a *cultura do samba* tem muito a contribuir, não para se contrapor ou negar a *cultura escolar*, mas para, ao ser também selecionada de alguma forma, possibilitar o tensionamento de saberes que podem ser socialmente reconhecidos, mas não inquestionáveis. Olhando por outro lado, se a *cultura do samba* corresponde a uma memória, à nossa história, e se, como podemos observar, existe um certo debilitamento na atualidade junto às crianças e à juventude⁵, a *cultura escolar* pode cumprir um papel, tal como faz com a cultura erudita e seus atores na seleção do currículo, não para ensinar samba, mas para tomá-la como história cultural, como arte, como costumes e tradições de uma população que necessita ser registrada e valorizada para as gerações futuras.

A memória coletiva está presente, mas num mundo globalizado e cada dia mais veloz, com mais informações, múltiplas possibilidades de entretenimento, uma parte da história e da cultura pode ficar esquecida, relegada às tradições melancólicas, se ela não for vivida e construída pelas gerações do presente. A *cultura do samba* permeia o bairro, na medida em que este tem com ela uma relação histórica, existem três Escolas de Samba e inúmeras rodas de samba nas imediações e o dia nacional do samba é uma festa do bairro.

Mas o processo de naturalização do cotidiano, a falta de reflexão sobre o impacto dos meios de comunicação, e a seleção do currículo que exclui determinados conhecimentos ligados às culturas populares, juntamente com outros fatores, dispersam as possibilidades da escola de fomentar seu espaço como um lugar de cruzamento entre culturas.

Contudo, é preciso levar em conta as especificidades do papel da escola. Existe uma tradição da *cultura escolar/cultura da escola* centrada nos saberes considerados socialmente significativos, onde crianças e jovens podem adquirir disposições e competências

⁵ No sentido de que as crianças e os jovens não têm a mesma iniciação na *cultura do samba* que seus pais e avós tiveram e não estão crescendo dentro unicamente desta cultura, ou pelo menos estão sob forte influência de outras culturas e da mídia.

diferentes daquelas que podem obter espontaneamente e ao acaso, e que não são obtidos em outros lugares. Por outro lado, é preciso reconhecer as complexas redes de comunicação e contatos no mundo atual, o poder de influência da mídia e a existência de inúmeras *culturas juvenis*, onde a territorialidade, em termos culturais, perde sentido. Isto nos ajuda a re-situar o olhar, complexificando a análise, ao pensar as relações entre a *cultura escolar/cultura da escola* e uma *cultura social de referência*, numa metrópole do século XXI como a cidade do Rio de Janeiro. Este enredo, podemos dizer, está em aberto.